V ANNO. SEXTA-FEIRA 27 DE OUTUBRO DE 1865. N. 495.

Monumento aos Martires da Liberdade no Cemiterio (Jé Esteves)

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador. estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000.
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

EXPEDIENTE

Não tendo sido possivel concluirem-se mais cedo os arranjos de que carecia a nossa typographia, nem tendo podido receber antes a encommenda de typos que esperava da Imprensa Nacional, apesar da obsequiosa diligencia do zeloso fiel daquelle estabelecimento— só hoje o **Districto de Aveiro** *começa a sua publicação interrompida no dia 30 de setembro ultimo.*

O seu formato é hoje muito maior do que o da sua fundação, e contém materia em dobro do que era ultimamente.

A estes importantes melhoramentos materiaes espera a nova empreza que correspondam outros de maior vulto na parte intellectual, para o que conta com a coadjuvação de alguns dos mais eminentes escriptores do paiz.

A redacção não faz novo programma, nem precisa fazel-o, pois que a posição politica do jornal é a mesma que tem occupado na imprensa.

Os actuaes redactores são hoje quasi os mesmos a quem o sr. José Estevão, fundando este jornal em 1861, entregou a sua redacção, e o seu principal empenho é observar pontualmente a norma de proceder que aquelle nosso chorado amigo lhes traçou.

Difficuldades typographicas impedem que o jornal, com as actuaes proporções, continue desde já a publicar-se regularmente trez vezes por semana, mas a empreza adoptou o expediente de publicar uma segunda edição supplementar em dias indeterminados, da qual os srs. assignantes teem direito pelo menos a 12 numeros annuaes, e que sahirá quando occorrer acontecimento de maior importancia a que dever dar-se immediata publicidade.

É com numeros desta edicção que substituiremos os numeros que devemos aos srs. assignantes neste trimestre pela interrupção a que fomos obrigados.

A empreza não solicitou novas assignaturas, mas conta com a coadjuvação de todos os seus amigos politicos do districto, e em geral de todos os homens dedicados ao progresso e a sua propagação pela imprensa, pedindo áquelles a quem remetter este jornal, e que não desejam ser considerados como assignantes, o especial obsequio de o participarem á administração.

Os que não fizerem este aviso no praso de quinze dias, julga-se fazerem mercê de assentir ao pedido da empreza; e serão inscriptos no livro dos nossos assignantes.

Politica interna

BOLETIM

Appareceu publicado na folha official de quarta-feira o contrato com a companhia dos caminhos de ferro do sueste. Na substancia as condições delle são as mesmas de que os jornaes já tinham dado conta, e que nós publicamos em outra parte desta folha. De certo a discussão na imprensa sobre as vantagens ou desvantagens da operação tornar-se-ha agora geral, e o remanso que por um momento teve a politica vae ser compensado pelos mais violentos debates.

Reservamo-nos para o apreciar em artigo especial.

A mesma folha publicou no mesmo dia uma portaria, expedida pelo ministerio do reino ao governador civil de Villa Real, ordenando diversas providencias sobre as contas da camara dissolvida de Boticas, e demittindo o respectivo thesoureiro, em consequencia das irregularidades da sua gerencia, desvios de fundos, e faltas de prestamento de contas em tempo competente.

Necessario é que a auctoridade administrativa vigie com a maior sollicitude o procedimento de todas as camaras. O que acontecia em Boticas, acontece desgraçadamente em muitos outros municipios, e o castigo dos homens não salva nem remedeia á ultima hora o desbarate da fazenda municipal.

Hontem publicou o «Diario» o programma para a solemnidade da abertura das camaras no dia 6 de novembro, os decretos nomeando pares do reino os srs. marquez de Souza e visconde de Lagoaça, o programma para o concurso dos alumnos pensionistas de bellas artes em paizes estrangeiros, e uma portaria do ministerio das obras publicas fixando o periodo de 1 de julho a 1 de outubro para o afilamento dos pesos e medidas.

A colera reappareceu em Elvas. De 24 para 25 foram atacadas trez pessoas, e falleceu uma. Vê-se que bate em retirada, não abandonando por ora de todo o terreno conquistado.

Em todas as outras povoações do reino, felizmente, não consta que apparecesse por ora.

O *Diario Mercantil* em um artigo sobre os estragos occorridos ultimamente no caminho de ferro, escreveu o seguinte:

«José Estevão, lá foi para a eternidade com a responsabilidade da directriz, que das Devezas a Aveiro se approvou, pelos pantanos daquella localidade de que bem nos podiamos aproveitar para imitarmos Veneza por meio de canaes, mas nunca para o acento de uma via ferrea, que em parte nos dá a facilidade de podermos do com boyo banhar as mãos nas aguas do Oceano!»

Sempre que occorre algum sinistro na parte do caminho de ferro que se avisinha de Aveiro, por insignificante que seja, e qualquer que possa ser a razão delle, é logo citada a memoria de José Estevão como responsavel, pelo facto de ter influido para que a linha passasse em Aveiro. Grande peccado foi o do nosso finado amigo em querer que a sua terra comparTilhasse este grande melhoramento publico!

Desabam as barreiras, esboroam-se os aterros, fendem os aqueductos em todos os outros pontos da linha; a ninguem se attribue culpa, e tudo se julga naturalmente acontecido. Mas dá-se qualquer destes casos nas proximidades de Aveiro, começam logo as objurgatorias, como se não se podessem dar os mesmos ou peores desastres se a linha tivesse tomado direcção diversa, e se não dêem effectivamente em todas as linhas!

Singular animadversão! Se José Estevão fosse vivo que teria elle ouvido por este imperdoavel crime de amor para com a sua terra! De certo não lhe faltariam convicios e affrontas, pois que hoje se não perdoam recriminações á sua memoria!

Mas agora já não é só pelo que se passa na parte da linha que variou com a passagem do caminho de ferro por Aveiro. Torna-se responsavel José Estevão pelo que acontece nas proximidades do Porto.

Não culpâmos o *Diario Mercantil*, porque rastrea a senda commum; suppômos que na melhor boa fé julga que foi um erro grave a vinda do caminho por esta cidade, e que d'ahi resultou a direcção que toma d'Ovar até ao Porto. Ignora de certo que estava escolhido o traçado entre estes dois pontos, quando o grande orador influiu para que se resolvesse a passagem por Aveiro, e que esta não obrigava, ainda mesmo resolvida antes, a que o traçado adoptado passasse por Ovar e que o caminho fosse como vae á beira-mar.

Pelo contrario. Ha quem sustente, e com boas razões que não só podia, mas devia tomar outra direcção de Ovar por diante. Isso porém depende d'outras causas a que José Estevão foi completamente estranho. Não o culpem ao menos por isso.

Ainda havemos de ter occasião de mostrar ao *Diario*, e aos que partilham a sua opinião, que não foi erro, nem inconveniencia para o transito a passagem do caminho por Aveiro. É tarefa que nos parece facilima. Basta olhar com alguma attenção para a topographia da localidade. Era impossivel internal-o, tanto que o mais arredado dos traçados passava a seis kilometros de Aveiro; e por esta differença valeria a pena de deixar de servir a unica povoação importante que se encontra neste tracto de terreno de Coimbra até ao Porto?

O *Diario* viu pantanos onde ninguem os vê. Nem passa a referencia de uma figura poetica. Sabe o collega qual era o traçado que atravessava pantanos? Era o que affastava o caminho d'Aveiro e o levava longitudinalmente pela pateira de Fermentellos onde está lançada a ponte do Pano, um dos pontos mais perigosos da linha. E se o collega pode lavar as mãos no Oceano, depois que passa d'Esmoriz deve ter uns braços bem compridos! Nós nem o avistamos sequer.

Depois o collega é um pouco exigente com o caminho de ferro. Não averiguamos se a linha está ou não nas melhores condições; mas o facto é que não ha razão para nos apavorarmos pelos sinistros acontecidos. Os menos meticulosos não esperavam de certo que a lista delles fosse tão minguada principalmente nestes primeiros tempos.

Veja-se o inverno passado. Foi rigorosissimo como poucos annos. Era de mais o primeiro porque passava a linha. Houve irregularidades e desastres, mas em menor escala talvez do que os jornaes estrangeiros nos estão ahi a citar todos os dias das linhas mais famigeradas pela sua construcção.

Não vemos pois razão para o *Diario* verter lagrimas de saudade pela regularidade dos antigos correios. A mala-posta foi sem duvida um grande progresso, mas tambem os correios a cavallo o foram para o seu tempo, e todos estes modos de transmittir a correspondencia tinham as suas faltas, como as tem agora a viação accelada, como as ha de ter outro systema de viação que a sciencia venha ainda a descobrir.

Progresso não quer dizer perfeição, e devemos contentar-nos que, nas cousas humanas, vão successivamente augmentando as vantagens e diminuindo os inconvenientes.

No jornal francez a *Patrie* de 18 do corrente deparámos com o seguinte artigo:

«A viagem do Rei D. Luiz, de Portugal a França, Belgica, Allemanha e Inglaterra, não teve por unico fim o estabelecimento de relações pessoaes com os soberanos desses paizes, e a permutação d'ideias sobre politica geral; tem ligação tambem e principalmente com os interesses commerciaes de Portugal.

Não tardarão a entabolar-se negociações entre Portugal e a França, para a assignatura de um contrato de commercio igualmente vantajoso para os dois paizes. Fixa-se para a abertura das negociações uma epoca que coincide com o regresso a França de SS. MM. a Portugal, isto é, aproximadamente um mez. Esperam-se de Lisboa instrucções e documentos especiaes. O sr. visconde de Paiva, ministro de Portugal em Pariz, dirigirá as negociações, sendo acompanhado por um individuo que conhece perfeitamente a situação industrial e commercial deste paiz.

Registramos o facto com verdadeira satisfação; prova de que Portugal, sem duvida pequeno na extensão, mas que tem um passado glorioso, está decidido a inspirar-se nas suas relações commerciaes, dos mesmos principios que actualmente dirigem a sua politica internacional.

Regido ha seculo e meio por tratados commerciaes contraditorios, passando das doutrinas proteccionistas as mais excessivas aos principios da livre troca mais exaggerados, para voltar á protecção apenas moderada nestes ultimos annos, Portugal offerece um curioso campo de exame a quem quizer estudar estas questões ha pouco tão controvertidas. Voltaremos a este assumpto tão depressa que cheguem os documentos esperados de Lisboa e nos seja permittido apreciar as condições que podem ser estabelecidas entre a França e Portugal pelo novo tratado de commercio.

CASIMIRO DELAMARE, FILHO

Não podemos affirmar que sejam exactas as informações da folha parisiense. Desejamos, porém que o sejam. Todos os tratados de commercio quando são estabelecidos com o fim de melhorar as relações entre dois paizes, e em proveito d'ambos, são convenientes.

Cremos nos bons desejos de El-Rei e estamos convencidos que deligenciará por que advenham ao reino vantagens reaes da sua viagem ao estrangeiro, e da sua perseverante iniciativa nas côrtes da Europa.

FINANÇAS

O CONTRATO COM A COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO DO SUESTE

O modo de gerir as finanças de um estado e acudir ás suas mais urgentes necessidade tem variado infinitamente com o decorrer do tempo, com o adiantamento da civilisação e progresso da sciencia economica. Muitas das operações hoje triviaes eram desconhecidas ha um seculo, e algumas seriam mesmo impraticaveis. A divida publica quasi que não existia, e as necessidades do povo eram incomparavelmente menores, ou muito incompletamente satisfeitas.

Nós não eramos uma excepção no meio dos outros. Toda a Europa lia aproximadamente pelos mesmos compendios. Não tivemos Colberts nem Pitts, mas os nossos marquezes de Pombal não lhes ficaram inferiores nos esforços, nem muito áquem na intelligente iniciativa. Mas então os governos quasi que não viam outras necessidades que lhes não proviessem do armamento de exercitos e esquadras para combaterem pela independencia ou pelo accrescentamento da patria, e as proprias circumstancias politicas determinavam o modo porque era possivel acudir ás urgencias financeiras.

A base de todas as operações era o imposto. Nas circumstancias anormaes recorria-se á finta e á derrama. A imposição era ás vezes mesmo acompanda pela exacção barbara. Sabe-se como o ministro de D. José I realisou as grandes sommas de que dispoz para a reedificação da capital esboroada pelo terremoto de 1755, e os sacrificios que impoz principalmente as grandes corporações religiosas do paiz.

Mas não nesse tempo seria possivel por outro modo restabelecer o equilibrio entre a receita e despeza d'um estado, ou realisar meios pecuniarios para acudir a uma necessidade imprevista. A antecipação sobre o futuro era impraticavel pelo menos em larga escala, e sem grandes demoras. O credito publico assentava sobre bases muito incertas, se é que se podia dizer já existente. Os governos não tinham meio prompto de achar capitaes, nem o publico confiava nelles. Ainda no principio do Consulado encontramos d'isso um exemplo frisante em França: o governo viu-se obrigado a pagar inesperadamente a miseria de vinte contos de réis, e não teve quem lh'os emprestasse.

A facilidade de recorrer ao credito, de encontrar na antecipação do futuro os meios de satisfazer aos encargos do presente veio muito mais tarde. Um sabio allemão descobriu que Cicero contrahira emprestimos para acudir a algumas despezas extraordinarias das provincias aziaticas, mas é certo que os governos modernos só decorridos muitos seculos conseguiram e empregaram esse recurso. Com que rapidez, porém, elle se propagou, e com que avidez se apoderaram delle todos os governos! Tornou-se desde logo o grande salvaterio, para a Inglaterra principalmente, que lhe deve, assim como todas as nações, uma grande parte da sua prosperidade.

Nós fomos na corrente das ideias, e não temos sido dos que menos havemos mettido a mão na bolsa do futuro. A nossa divida publica tem subido espantosamente nestes ultimos trinta annos, e os juros della absorvem hoje uma grande parte da receita do thesouro. Os nossos homens d'estado não tem encontrado outro

---

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

Uma aurora pallida de novembro mal desperta ainda, esfregava os olhos por detraz de uma cortina de nuvens pardacentas, e já o digno estalajadeiro Geordie estava aprumado na soleira da sua hospedaria, fazendo dos braços uma cruz tão bem acabada, quanto lh'o consentia o magestosissimo abdomen, testemunha incontestavel em defeza da cosinha do *Leão vermelho*.

Tinha a phisionomia profundamente socegada do estalajadeiro, que se sente senhor da situação, por ser o unico, e que não receia que os viajantes lhe fujam; porque o *Leão vermelho* era n'aquelle tempo a unica pousada de Folkstone.

No tempo em que se passava a historia, que nos determinâmos a contar não era Folkstone senão um lugarêjo, cujas casas de tijolo amarello, e de taboas embreadas desciam pouco regularmente em socalcos pela ladeira que vinha da montanha morrer á beira-mar.

Era uma das mais formosas, senão a mais formosa de Folkstone, a casa de Geordie. No angulo do edificio, e pendente da extremidade de uma voluta de ferro elegantemente retorcida, balouçava-se á briza do mar o leão vermelho recortado em folha de ferro. Os vapores salinos do oceano obrigavam a avivar frequentemente as suas cores, e como fôra repintado de fresco, flammejava tão fero, como leão vermelho em campo d'ouro de manual heraldico.

Geordie scismava, mas o quer que é que scismava nada tinha de poetico. Sommava mentalmente os lucros do mez findo, e como excedessem alguns guineos a ganancia dos mezes precedentes, pensava Geordie que se este incremento se mantivesse, em breve poderia comprar o pedaço de terra, que tanto desejava, e que lhe mettia um canto tão desengraçado na sua fazenda.

Neste ponto ia a meditação, quando um individuo d'aspecto bastante rude, estacado diante delle havia minutos, mas que a sua preoccupação estorvava que percebesse, sem duvida não descobrindo outro meio de ser notado, assentou-lhe no ventre uma palmada, acção que os homens ossudos e magros tanto folgam de executar nos homens obesos por ironia ou por vingança.

Escandalisado com esta familiaridade de mau gosto que lhe era particularmente desagradavel, e que mal soffria dos seus freguezes intimos ou dos mais ricos, Geordie deu um pulo atraz com bastante agilidade para um homem da sua corpolencia; e vendo o aggressor cuberto de vestidos que estavam longe de annunciar riqueza, fez este calculo mental: «Ahi temos um maroto, que ha de comer, se tanto, uma tira de carne de vaca, e beber meia canada de cerveja ordinaria e um copo de wiskey, e apresenta-se com a insolencia de um fidalgo que ceia boa galinha em môlho de clarete acompanhada de vinho de Champagne. Pouco mais de um shilling posso arriscar retrucando-lhe como merece.»

— Oh! grande alimaria estupida e brutal, homem sem educação, exclamou Geordie depois do raciocinio que copiámos, é assim que se entra em conversação com pessoas de bem? Você não dá lá grandes creditos a quem o educou.

— Então que é isso? socegue meu gordalhudo, queria você que eu ficasse aqui diante de si fincado no chão como uma estaca até ao dia de juizo? Trez vezes tossi, duas o chamei pelo seu nome — mestre Geordie — e você não se mecheu mais que uma quartola de vinho arrumada; era pois mister que eu lhe désse a conhecer a minha presença, respondeu o sujeito, que assentára a palmada na pansa á Falstaff do digno hospedeiro, com modo escarnicador, que nem accusava medo nem arrependimento.

— O senhor podia apresentar-se de um modo mais delicado, replicou Geordie em tom ainda indignado, mas em que as fallas e olhar firme do desconhecido introduziam já uma nota mais timida.

— Vamos, hospitaleiro elephante, queira desobstruir os seus umbraes, se quizer que passe, e penetre na sala do *Leão vermelho*, o melhor e o unico de Folkstone.

Mestre Geordie que conhecia o coração humano e o aspecto lastimoso que a consciencia da bolsa vasia dá á phisionomia, julgou pelo aprumado do incognito, e pela liberdade das maneiras, que apesar do trajar humilde devia possuir tal ou qual sufficiencia pecuniaria, e mandar vir uma garrafa de vinho de França, ou pelo menos um assado em môlho de vinho das Canarias; por isso fazendo o sacrificio temporario da sua dignidade, encolheu-se como melhor poude, e deixou entrar em casa o seu aggressor.

A sala de mesa do *Leão vermelho*, illuminada por quatro janellas de caixilhos movidos por contrapesos, e chamadas janellas á guilhotina desde a invenção do philantropico instrumento era dividida em muitos compartimentos de madeira similhantes a gabinetes particulares, e que faziam lembrar a fórma e disposição das coxias de cavallariça, porque o inglez gosta tanto de vêr-se isolado, que se sente incommodado sob os olhares d'outrem, e é por isso mister crear-lhe uma separação, uma especie de *sua casa*, mesmo no terreno neutral de uma sala commum de taberna.

Entre as duas fileiras de compartimentos alongava-se um corredor pulverisado de fina areia amarella, que terminava n'um mostrador triumphal de madeira das ilhas incrustado de ornatos de cobre, sobre o qual scintillavam renques de medidas d'estanho, e potes com tampas de metal polido, resplandecendo como prata.

Um espelho estreito encaixilhado em madeira reflectia por detraz do mostrador, onde ao alcance da mão da estalajadeira se ajustavam muitas torneiras, remate dos tubos correspondentes na adega a numero egual de toneis de cerveja, e de liquidos de differentes especies.

Algumas gravuras copiadas de Hogarth, circumdadas de negro, e representando os inconvenientes de qualquer vicio (menos o da embriaguez) completavam a decoração desta parte da sala, que era como o altar e o sanctuario da casa.

Geordie dirigiu-se ao mostrador, seguido do hospede, que parecia mediocremente fascinado por aquella magnificencia, e n'uma intonação a que o habito de adular os freguezes dava uma apparencia obsequiosa, talvez mais expressa do que queria, apresentou a pergunta sacramental.

(Continúa.)

meio de obviar ao desiquilibrio produzido, ora pelas enormes sommas que nos tem custado as nossas desgraçadas perturbações civis, ora pelas não menos avultadas mas incomparavelmente mais productivas despezas que temos feito para regenerar o paiz, e dotal-o com todos os melhoramentos da civilisação.

Não perfilhamos ácerca deste recurso financeiro a opinião de Berckley que comparava os emprestimos a minas d'ouro, mas não nos parece tambem que devamos ver n'elles a serie de desastres que assustam alguns economistas, e entre elles o proprio J. B. Say que, sem excepção, os condemna. Entendemos que uma anticipação sobre o futuro pode ser um expediente desastroso postoque necessario quando tem por fim occorrer as consequencias d'uma guerra estrangeira ou d'uma dissensão civil, como entre nós aconteceu algumas vezes, mas entendemos tambem que quando se trata de realisar melhoramentos que devem accrescentar a prosperidade do paiz, e por conseguinte os seus recursos futuros, é justo que se deixem ás gerações provir alguns dos encargos que esses melhoramentos nos custam agora. E' neste sentido que temos approvado alguns dos emprestimos que ahi se tem feito ultimamente.

No entretanto, devemos confessal-o, nas nossas circumstancias actuaes, com a nossa divida publica tão extraordinariamente desinvolvida, não vemos recorrer ao emprestimo sem certa repugnancia E' incontestavel que nestes ultimos dez annos temos abusado demasiado desse recurso, embora em parte com um fim util; e assim como nos parece justo repartir os encargos resultantes das obras do progresso entre o presente e o provir, temos por condemnavel e perigoso encarregar por tal arte o futuro que sejam por assim dizer maiores os onus do que os beneficios que lhe leguemos.

Os nossos homens publicos cremos que reconhecem todos os inconvenientes de abusar do emprestimo. Nenhum deixa de certo de reflectir maduramente nas consequencias deste successivo augmento da divida do estado, e dos encargos annuaes resultantes d'ella. Mas cedem a uma imperiosa necessidade e a uma apprehensão pueril e condemnavel. A necessidade é o deficit, que augmenta todos os dias, em consequencia de necessidades sempre novas, cuja satisfação hoje, no estado do espirito publico, não é facil illudir nem addiar; sem fallar nos desperdicios sempre crescentes que vem como a par desses melhoramentos. A apprehensão é a de indisporem contra si o animo do povo elevando o imposto. Tem presentes os exemplos d'alguns governos que cahiram deante de manifestações populares promovidas por essa elevação, e sabem que os partidos estão sempre dispostos a explorar por esse lado a credulidade do povo, infelizmente muito pouco instruido para conhecer bem quaes são as suas verdadeiras conveniencias, e baldar os intentos dos que tem por fim especular com a sua boa fé. Preferem recorrer á veia que se lhes figura inexgotavel dos emprestimos a concitar contra si os odios populares.

O actual secretario das finanças viu todos estes inconvenientes e acaba de superal-os com a sua natural pericia financeira. Reconheceu o perigo de continuar a recorrer ao emprestimo, principalmente nas actuaes circumstancias monetarias dos mercados da Europa, em que qualquer dessas operações seria feita com grande prejuizo para o thesouro. Procurou evital-o. Meditou uma nova operação, que servisse para compensar o deficit do orçamento, e esta operação, de facto concluida, foi um contrato de novação com a companhia de ferro do sueste.

Independente das circumstancias do contrato, que mal conhecemos ainda, a intenção do nobre ministro não pode encontrar impugnadores rasoaveis. O deficit ahi estava a exigir imperiosamente uma solução, e procural-a fóra dos dominios do emprestimo, era o primeiro dever. Se em todos os casos, era temerario continuar na senda trilhada, seria arrojo imperdoavel aventurar-se nella na presente conjunctura. Era mau, em quaesquer circumstancias, mais um emprestimo; era pessimo agora, quando em todos os mercados o numerario excassêia, e o thesouro não poderia obter fundos senão por elevadissimo preço.

Serão as condições do contrato mais onerosas do que as de qualquer emprestimo que o estado podesse contrahir? Haveria de prompto outro meio de suprir as difficuldades financeiras do thesouro, sem recorrer ao emprestimo? Pelo que já conhecemos do contrato negamos a primeira. Não acreditamos na segunda hypothese. Podem apontar-nos talvez o imposto. Não era prompto, não servia para o caso presente, mas é aceitavel como expediente para obviar a difficuldades futuras. Não nos recusamos até certo ponto a aconselhal-o.

Duvidamos, porem, que sejam sinceros os que nos apontarem esse recurso. Houve ahi um estadista que disse em pleno parlamento que o povo podia e devia pagar mais, e voltou-se contra elle a animadversão de toda a gente. Ninguem julga que deva ou possa pagar mais. Não discutamos esse ponto. Mas se não se pode nem se deve pagar mais, não se pode nem se deve gosar tanto. Vamos ao orçamento. Ha lá despezas superfluas. Cortem-se primeiro essas, posto que estamos certos que por mais superfluas que realmente sejam, hão de ser graves e extensos os clamores que se levantarão contra esse corte, por que todas tem os seus deffensores. Cheguemos depois as que nos custam as commodidades de que gozamos e aparemol-as tambem. Haja a coragem de o fazer. Mas o que não é possivel é continuar a despender muito, e a pagar pouco. Na vida particular este modo de proceder tem um nome pouco airoso, e não é bem conceituado o que o toma por norma de vida. Os estados são aggregados de individuos, e valem para elles os mesmos preceitos de moralidade que para os cidadãos em particular.

A substancia do contrato consta de uns esclarecimentos que publicou o *Jornal do Commercio*, e que com a devida venia vamos transcrever. Podemos mal avaliar todas as suas condições, repetimos Mas dizemos francamente que apreciamos o facto em si tanto mais quanto é a repugnancia que nos inspira neste momento a ideia de um novo emprestimo, e desassombradamente confessamos que muito difficilmente o apoiariamos.

Breve daremos opinião sobre o contrato em si. Desejamos avalial-o melhor do que hoje nos é permittido, e abstemo-nos com tanta mais cautella de pronunciar sobre elle juiso, que, pelo que delle sabemos agora, não pode deixar de formar-se a mais vantajosa ideia da operação.

«Diz se como coisa certa que o governo innovára o contrato celebrado com a empreza da linha ferrea de sueste. Se as condições desta novação forem as que nos referem, temos para nós que o ministro, aceitando as propostas que lhe foram apresentadas, realisára uma operação de incontestavel vantagem para o Estado.

Affirma-se que os termos do novo contrato são pouco mais ou menos, os seguintes:

1.º A companhia restituirá desde logo ao governo o preço da venda da secção do Barreiro as VendasNovas e ramal de Setubal (1:008 contos), mais a importancia do subsidio pago por estes 120 kilometros (2:000 contos), o que tudo perfaz cerca de 3:000 contos.

2.º O governo é dispensado de pagar o subsidio de 18 contos por kilometro nas linhas em construcção de Evora ao Crato por Extremoz, de Beja ao Algarve, e de Beja á fronteira de Hespanha, atravessando o Guadiana. Ora, sendo estas linhas de mais de 300 kilometros, eleva-se a somma que o thesouro deixa de pagar a 6:000 contos, pouco mais ou menos.

3.º O governo garante á companhia a receita bruta kilometrica de 3:600$000 réis, pelo periodo de 50 annos, a datar da conclusão dos trabalhos, isto é a começar d'aqui a 4 annos.

Se effectivamente são estas as condições fundamentaes da transacção concluida pelo governo, vemos com prazer que ellas assentam sobre um principio financeiro, novo entre nós, evidentemente vantajoso para o thesouro, e tornado indispensavel nas tristes circumstancias dos nossos orçamentos e do nosso credito.

Até aqui era sempre sobre os nossos recursos de *hoje*, sobre as condições e elementos do nosso credito *actual* que baseavamos todas as nossas operações. Agora é sobre os recursos que vamos promover e temos como provaveis, é sobre os elementos naturalmente mais favoraveis do credito futuro, que emprehendemos os importantes melhoramentos de que esperamos o desenvolvimento economico do paiz.

Até aqui era a pobreza de hoje tomando todos os encargos da prosperidade que ha de vir. Agora lançamos sobre essa esperada prosperidade os pesados encargos que por ella, e só para ella contrahimos.

Até aqui era o perigosissimo fabrico de inscripções que acudia a todos os encargos. Agora com recursos que o futuro ha de necessariamente desenvolver, estipulamos saldar a maxima parte desses encargos. Desonerar o presente, fraco e empobrecido, á custa do futuro, sem duvida mais rico e mais florescente, parece-nos ser o discreto pensamento que inspirou esta transacção. Pelo contrato primitivo, as linhas contratadas com a companhia de sueste estariam promptas em 4 annos, e o governo teria despendido então cerca de 9:000 contos. Nas condições presentes dos nossos orçamentos, o governo teria levantado esta somma por meio de inscripções, que attendendo ás tristes circumstancias do nosso credito, representariam o encargo permanente de um juro não inferior a 630 contos annuaes.

E a esta somma, encargo permanente, sobre nós pesaria desde que as linhas estivessem concluidas e todas as subvenções entregues, devemos ainda accrescentar os juros pagos durante esses quatro annos, e que irão crescendo successivamente na proporção que essas subvenções forem vencidas.

Pelas novas estipulações teremos que pagar, durante 50 annos, sobre 600 kilometros o que faltar ao rendimento proprio da linha para perfazer 3:600$000 réis. Ora, nas secções desta linha já concluidas, onde a receita, como em todas as linhas incompletas, é por força insignificante, já temos o producto bruto kilometrico de 1:500$000 réis; suppondo pois *per absurdum*, que esta receita não crescia, seria o governo forçado a pagar réis 2:100$000 por kilometro ou 1.500:000$ réis por anno, isto é 420 contos por anno mais que o encargo do juro resultante do contrato primitivo. Ainda aqui teriamos então que esse pagamento mais avultado só duraria 50 annos, emquanto que os juros, embora menos consideraveis, durariam eternamente. Mas o augmento da receita kilometrica desta linha ha de ser a consequencia infallivel de sua conclusão, da ligação della por meio de estradas indispensaveis com todos os centros de producção e consumo, e emfim do desenvolvimento geral das forças economicas do paiz, quasi privado ainda dos meios de produzir e circular.

Se pois, suppuzermos que em vez de 1:500$000 réis, por kilometro, receita bruta actual, todas as circumstancias que acabamos de enumerar elevam esta receita a 2:300$000 réis teria o thesouro de accrescentar a esta somma apenas 1:300$ rs. por kilometro, isto é pouco mais ou menos a importancia do juro proveniente das condições do primeiro. E aqui a differença entre a perpetuidade do encargo e a sua limitada duração redundará inteiramente em beneficio do governo. Note-se bem, que nenhumas considerações podem condemnar por inverosimeis, ou improvaveis sequer, os calculos que promettem ás linhas de sueste, o rendimento de dois contos e trezentos mil réis, ou ainda muito mais do que esta limitada somma. No mappa que temos á vista da receita bruta semanal, de quasi todas as linhas ferreas do continente europeu, achamos apenas poucas e insignificantes linhas, onde a receita seja inferior a esta que antevemos para a linha de sueste. Em Portugal mesmo vemos as linhas do norte e leste produzirem 261 francos por semana, isto é mais de cerca 2:500$000 réis por anno. Ora, quando a receita da linha de sueste vier a exceder a 2:300$000 réis tanto o thesouro pagará menos que a somma de juros, a que, pelo primeiro contrato, ficaria perpetuamente condemnado.

Considerando agora esta transacção por outro lado, é evidente que a possibilidade offerecida ao governo de obter na presente situação do thesouro a somma avultada de 3:000 contos, sem juro, sem emissão de inscripções, e sem retirar do nosso empobrecido mercado monetario novas quantias, em terrivel concorrencia com as industrias particulares, é um facto financeiro de tão subida vantagem, que só poderia despresal-a o ministro da fazenda desejoso de continuar no deploravel systema que até hoje tem desbaratado o nosso credito dentro e fóra do paiz. Recusar esta occasião de obter os meios que nos são indispensaveis, levaria inevitavelmente o ministro a contrair um emprestimo, accrescentando mais uma longa pagina ao livro já volumosissimo da nossa divida publica, e lançando no mercado seis a sete mil contos de inscripções.

Ainda mais: esta transacção será tanto mais vantajosa quanto mais avultado poder ser o rendimento bruto da linha ferrea que faz objecto della. Ora, é evidente que o accrescimo de receita desta linha depende principalmente do desenvolvimento do paiz, da conclusão das estradas que liguem os povos com a linha ferrea, e dos outros melhoramentos de que depende o progresso economico das nações. O governo tem pois aqui mais que nunca immediato interesse em accelerar a construcção das estradas, e em incitar os melhoramentos que o paiz reclama anciosamente, mas que até hoje tem sido escandalosamente desattendidos. Vendo pois, nas estipulações que o governo aceitou, mais um estimulo á sua actividade, reconhecemos mais uma razão pela qual o novo contrato nos agrada.»

Exposição do Porto

Começamos hoje a transcripção da serie de excellentes artigos que o *Commercio do Porto* tem publicado, escriptos pelo sr. Fradesso da Silveira, com o titulo *visitas á exposição*.

A competencia do seu auctor, e a proficiencia com que se acham escriptos impõe-nos o dever de preferil-os a qualquer outra noticia sobre o mesmo assumpto, contando com a obsequiosa benevolencia do nosso collega do *Commercio*, e seguindo o procedimento de toda a imprensa do paiz.

Não nos dispensamos, porem, de escrever oportunamente algumas linhas, em artigo especial, sobre a exposição, que nos consideramos, como o mais importante facto da nossa historia industrial.

I

«Estão abertas as portas do palacio da industria. Realisou se a festa da inauguração no dia annunciado. Aos incredulos, aos timidos, aos que sempre duvidaram, aos que nos ultimos dias ainda negavam que fosse possivel terminar a tempo todos os preparativos, podemos agora triumphantemente responder apontando para a noticia escripta dessa esplendida festa.

Saudemos pois o Porto pela sua iniciativa audaz. Felicitemos os promotores da exposição pelo admiravel resultado dos seus louvaveis esforços. Do muito para que são ahi ficam as provas, nesse monumento que alevantaram.

Não é por certo esta a occasião em que se deve discutir a gravissima questão das exposições universaes e geraes, para todos os povos e para todas as industrias. Votando contra ellas, sempre, aqui ou além, nos paizes pequenos como nos grandes; votando constantemente pelas exposições parciaes e universaes, que permittem o estudo profundo de cada grupo de industrias, e a justa avaliação do seu estado nas diversas nações do mundo—temos de aceitar esta como ella é, brilhante e notavel para uma cidade de segunda ordem; imperfeita, incompleta, como aquellas que a precederam, e mais ainda, muito mais, por ser feita em paiz que não é centro de uma producção vigorosa.

Nestas circumstancias o estudo é difficil. Quem tomar por ponto de partida a exposição de 1862 notará deploraveis faltas. Quem pretender methodicamente continuar a historia de cada uma das industrias, ha de achar embaraços. Nem para a historia da nossa propria industria temos aqui elementos. Em 1862, como antes, nas duas exposições precedentes, a nossa industria foi mal representada. Em 1865 a sua representação ainda é menos fiel. Faltou o impulso governamental, que nesta boa terra não se dispensa, nem ainda por muitos annos se dispensará. Estivemos sem governo em quanto se fizeram os preparativos para a exposição. Estivemos, como temos estado muitas vezes, e desta causa, como sempre, resultaram pessimos effeitos.

A physionomia industrial de qualquer paiz apparece realmente retratada nas galerias de uma exposição, quando todas as suas industrias ahi figuram, sem esforço, no seu estado normal, apresentando o que realmente produzem, expondo as mercadorias que levam regularmente aos mercados.

Fomos assim representados nas trez exposições universaes?

Somos assim hoje representados na exposição do Porto?

Ninguem dirá que sim.

Não vieram todas as fabricas, não fizeram fiel exposição todas as que vieram, e faltou a pequena industria, principal productora de muitas mercadorias, cujo consumo merece attenção.

E' dever nosso publicar estas verdades, em que peze aos lisongeiros, que de tudo tomam pretexto para louvaminhas e adulações. Amigos verdadeiros dos industriaes, e promptos para louvar a condescendencia de todos quantos annuiram ao convite, intendemos ao mesmo tempo que nos cumpre manifestar o mais sincero desagrado áquelles que fugiram do concurso em que era empenhado o nosso decoro. Quando Portugal pedia a estranhos que viessem apresentar os seus productos, no palacio da exposição, era obrigação de portuguez concorrer para a fiel representação da industria nacional.

Se nos queixamos da ausencia de governo, durante um largo periodo, porque só elle poderia ter fornecido aos jurys a estatistica industrial, cuja falta os jurados lamentam; se dessa ausencia nos queixamos, porque só a influencia do governo poderia ter mandado ao Porto a collecção completa dos productos da pequena industria—tambem dos industriaes, que faltaram, amargamente devemos queixar-nos, porque deixaram interrompida a escala da producção, dando assim fundamento para erradas apreciações.

E dito isto, nada poderemos notar á visinha Hespanha, que nos abandonou quasi completamente, nem á nossa fiel alliada, a Gran-Bretanha, que deu pouca attenção ao nosso convite. Quando os de casa duvidaram, murmuravam, e escarneciam não é para espantar que os estranhos hesitassem. Felizmente não hesitou a França. Della é, na exposição, a parte maior e a mais gloriosa. Para ella deve ser o solemne tributo da nossa gratidão.

Ainda não era official o convite, e já em França o movimento começava, e tambem no Porto sob os auspicios do sr. de Gérando, digno representante do imperio nesta cidade. Os delegados da commissão directora: o sr. Gervais (de Caen) director da escola superior de commercio de Pariz, e o sr. Natalis-Rondot, delegado em Pariz da camara de commercio de Lyon, constituiam uma commissão composta dos srs. Carcenac, Fossin, Gaussen, Aimé Girard, Mourceau, e Trelon. Para os trabalhos do jury reuniam-se os srs. Aubry Lecomte, Deberain, Vauquelin, Sauter, Haas, Lasne, Grohé e Fourdinois.

A' extrema dedicação, e diligencia efficaz dos illustres delegados, ao infatigavel zêlo, e admiravel paciencia, dos membros da commissão, se deve a reunião de tantos productos valiosos da industria franceza. Para a collecção desses productos dispoz a commissão de um agente activissimo, dotado de rara intelligencia. Citando com louvor o nome do sr. Huot cumprimos um dever. Quem foi testemunha dos trabalhos da commissão franceza, quem viu, como nós, o que ella fez sempre, e particularmente o serviço dos ultimos dias, póde assegurar afoutamente que sem ella teriam sido baldados todos os esforços da direcção, e da commissão central, para a inauguração no dia 18.

Permittam que sejamos francos, agora como sempre, e que façamos a todos inteira justiça. Os dois corpos collectivos, que regem os negocios do Palacio de Crystal não tem correspondido, pelos seus actos, ao arrojo do pensamento que dictou e ordenou os primittivos trabalhos. Parece que o vigor todo se exgotou n'um primeiro e supremo esforço. Parece que depois de haverem erguido ali aquelle monumento vergaram com o peso da gloria, e não sentiram alento para caminhar. E todavia é preciso caminhar.

Vamos entrar como, visitantes na exposição, e entraremos sem programma, inteira liberdade, animados pelo desejo de viajar, em poucas horas, e confortavelmente, de um paiz para outro, de uma para outra parte do mundo, voltando ao ponto de partida, seguindo novo rumo depois, demorando mais ou menos a nossa vista na contemplação do que nos parecer mais agradavel, mais util, ou mais digno da consideração de todos.

Assim quizessem muitos, como nós queremos, fazer uma peregrinação, que deleita, e admirar as maravilhas ali reunidas.

E talvez queiram.....

Quem sabe se a ausencia do publico tem a sua explicação nos erros de quem o repellin, quando mais devera convidal-o, facilitando as entradas?

Em França inaugurou-se a exposição universal de 1855 com os preços de 180 réis por entrada, nas segundas, terças, quartas, quintas e sabbados, 900 réis nas sextas feiras, e 40 réis nos domingos, e pouco depois ainda o preço da entrada, nas sextas feiras, desceu a 360 réis. Dando conta desta deliberação, no seu relatorio, dizia o principe Napoleão que 900 réis em França, era preço *a que poucas bolsas podiam chegar*!

Pensem n'isto e resolvam, que já não é cedo. E pensando ainda mais no futuro tomem as disposições necessarias, indispensaveis, urgentes para que resultem desta exposição, para a empreza, e para o paiz, todos os beneficios, que ella ainda hoje promette.

Involuntariamente nos desviámos do caminho, que devem seguir os visitantes, e ousamos entrar no gabinete dos directores. Pedindo que nos disculpem a ousadia, e voltando á posição modesta, que nos compete, entraremos no palacio da industria e começaremos a nossa visita.»

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 239 de 21 de outubro

MINISTERIO DO REINO

Synopse geral, por freguezias, do numero dos eleitores e elegiveis recenseados em 1865, comparada com a do anno de 1864, e organisada pelas respectivas commissões do recenseamento nos circulos eleitoraes do districto de Villa Real.

FAZENDA

Portaria mandando admoestar o delegado do thesouro do districto de Santarem pela falta de zêlo com que se houve ácerca da fiscalisação e cobrança dos rendimentos que deviam existir em poder do recebedor da comarca de Torres Novas, Francisco Lopes Marques, que ficou alcançado para com a fazenda.

— Outra determinando que o subsidio que pagam os guardas da alfandega por serem tratados nos hospitaes militares se eleve de 200 a 240 réis diarios.

OBRAS PUBLICAS

Aviso de que está a concurso, até 8 de novembro proximo, um logar de 2.º official da repartição de contabilidade do ministerio das obras publicas, commercio e industria.

MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Macau.

— Regulamento dos concursos da secretaria de Estado dos negorios da marinha e ultramar.

— Portarias relativas a isempções do recrutamento da armada.

Edital do conselho de saude fazendo saber que foi considerado limpo de febre amarella o porto de Swansea.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 240 de 23 de outubro

PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Boletim da viagem de SS. MM. e A. pelo estrangeiro.

MINISTERIO DO REINO

Portaria ordenando que os facultativos da guarda municipal de Lisboa façam diariamente a inspecção dos quarteis da mesma guarda. a fim de que se cumpram alí as prescripções hygienicas que as circumstancias actuaes reconselham.

— Officio do ministro do reino ao da fazenda, participando-lhe que S. M. El-Rei, regente, concedeu a licença precisa para continuar o processo instaurado a Antonio Marques Mira, regedor, que foi, da freguezia de Barrô, concelho de Agueda. por falsificações de documentos.

MINISTERIO DA FAZENDA

Portaria ordenando que cesse a publicação do «Boletim» do ministerio da fazenda, por desnecessaria.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Timor.

— Codigo do credito predial das provincias ultramarinas, precedido do decreto de 17 do corrente, que o approvou.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Portaria nomeando uma commissão, que é encarregada de organisar a tabella dos vencimentos eventuaes dos engenheiros civis, architectos e conductores de obras publicas, de que trata o artigo 63.º do plano de organisação do corpo de engenheria civil.

— Regulamento dos concursos no ministerio das obras publicas, commercio e industria.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

Direcção geral de administração civil

3.ª Repartição—3.ª Secção

CIRCULAR

Tendo representado o conselho de saude pu-

blica do reino que, nas circumstancias actuaes, era indispensavel prohibir as feiras, que annualmente se fazem em differentes pontos do paiz, por isso que a experiencia provava que as epidemias se manifestavam e propagavam com mais facilidade quando havia grandes ajuntamentos de pessoas; e sendo conveniente lançar mão da providencia lembrada pelo conselho de saude para difficultar, quanto possivel fôr, a transmissão da cholera, que infelizmente invadiu muitas das povoações do reino visinho proximas da raia, e até a praça de Elvas: manda S. M. El-Rei Regente em nome do Rei, declarar aos governadores civis do reino, que devem prohibir as feiras e grandes mercados quando assim lhes fôr requerido por delegados do conselho de saude publica, por meio de editaes e annuncios nos jornaes, com a anticipação conveniente.

E assim, de ordem de El-Rei, se participa aos supraditos magistrados para sua intelligencia, e para que o executem por virtude da publicação desta portaria na folha official do governo, independentemente de alguma outra ordem ou aviso.

Paço, em 23 de outubro de 1865. = Joaquim Antonio de Aguiar.

Exterior

Brazil

O vapor paquete *La Plata*, entrado ultimamente na barra de Lisboa, trouxe-nos noticias importantes do imperio do Brazil. Entre ellas achámos uma, que não póde deixar de causar immenso jubilo a todos os portuguezes, para quem a prosperidade do imperio não é indifferente.

Feriu-se um renhidissimo combate entre as forças brazileiras e os seus inimigos paraguayos. Ficaram estes completamente derrotados, deixando em poder d'aquelles 1:700 prisioneiros e todos os petrechos bellicos, de que se faziam acompanhar.

A' falta de promenores, que as cartas do imperio nos não dão, sobre o modo como teve logar este combate, e sobre o alcance que elle póde ter no exito da guerra, vamos reproduzir o que mais digno achamos de publicidade nas correspondencias, vindas pelo *La Plata*.

Confirma-se a noticia que démos na nossa revista passada sobre a occupação da Uruguayna e da Restauração pelas forças paraguayas. Temos alguns promenores sobre o modo como foram occupadas estas cidades e villas brazileiras; — modo pouco lisongeiro para os exercitos alliados.

O exercito paraguayo, que se compunha de 7:000 homens, entrou na cidade de Uruguayana no dia 5 sem encontrar a minima resistencia. O exercito brazileiro de 9:000 homens, commandado pelos generaes Canavarro e Jacuby, a pretexto de desigualdade de forças, não se oppôz a esta occupação! Parece incrivel que se procurasse occultar sob um pretexto tão futil um acto de cobardia sem igual.

As tropas de Paraguay apresentam-se, pelo contrario, bem disciplinados e de uma bravura e intrepidez admiraveis. Sirva de prova o recontro que houve no lado direito do Uruguay entre 2:500 paraguayos e 10:000 brazileiros e alliados, a que já alludimos na nossa revista anterior. Apezar da desigualdade de forças os paraguayos, longe de fugirem ou de se renderem, foram os primeiros a apresentar batalha e a romper o fogo, sustentando por espaço de hora e meia um fogo vivissimo de fuzilaria e de metralha. Tiveram por fim de ceder ao numero, mas a sua derrota foi mais gloriosa do que a victoria de seus contrarios. Já contámos como foram tratados pelos vencedores uns 800 prisioneiros, que tiveram a infelicidade de lhes cair nas mãos.

A esquadra brazileira, que se acha no rio Paraná cada vez se vê obrigada a retirar para mais longe. Ao passo que a esquadra retira os paraguayos vão fortificando as margens do rio, de maneira que é impossivel poderem os mesmos vapores passar sem receberem enormes estragos, causados pela numerosa artillheria dos contrarios, que se acha montada nessas fortificações; como aconteceu ha pouco ainda, em que, segundo confessa o chefe Borrozo, a esquadra brazileira soffreu maior estrago do que havia soffrido no ataque naval.

Por outro lado o estado financeiro do imperio apresenta-se o mais assustador possivel.

Para se fazer face ás despezas extraordinarias da guerra, está tratando o governo brazileiro de contrair em Londres um emprestimo de cinco mil contos de rs. Realisado elle, addicionando a antiga divida externa e interna, terá o governo de pagar a enorme cifra annual de quatorze mil contos de réis de juros!

Em deploravel estado vae a guerra com a republica do Paraguay deixar o imperio do Brazil. Embora este seja vencedor, caro comprará a victoria.

O cambio baixa com uma rapidez assombrosa. Ha uma falta absoluta de trocos nas transacções commerciaes. Que se calculem por isto as difficuldades, com que lucta presentemente o imperio do Brazil.

Em vista destes males, que está soffrendo o imperio da Sancta Cruz, todos os seus filhos estão dando provas de um cinismo tal, que nada cede áquelle, que a historia nos transmitte dos antigos gregos e romanos. O enthusiasmo pela guerra é geral: as proprias mulheres querem tomar parte nos rigores da campanha offerecendo-se a defenderem com seu corpo a patria ameaçada por forças estrangeiras!

Em uma reunião de mais de cem negociantes, que se celebrou na Bahia, abriu-se uma subscripção para ajuda das despezas da guerra, a qual subiu logo a mais de 20 contos de réis.

Os negociantes reunidos assentaram em armar e fardar á sua custa o corpo de voluntarios da guarda nacional, que devia partir para o theatro da guerra.

Haviam sido aceites pelo governo brazileiro os offerecimentos humanitarios de dezesete academicos de medicina e pharmacia, tendo já partido para o sul a fim de ministrarem os soccorros de que carecessem os soldados feridos.

Fazemos votos para que tantas provas de patriotismo sejam coroadas do mais feliz resultado. As sympathias dos portuguezes são pelos seus irmão de além-mar. Que em breve terminem os seus soffrimentos—taes são os mais ardentes desejos que animam os filhos de Portugal.

F. e Castro.

O «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, dá noticia dos seguintes naufragios:

«Com o violento tufão que cahiu na madrugada de 23 do corrente, perderam-se na enseada de Abrahão a sumaca «Joven Castorina» e o patacho «Nova Sorte». Infelizmente a gente deste ultimo pereceu toda, segundo nos informam; a da sumaca salvou-se.

«Na mesma occasião esteve quasi perdido o vapor «Paquete de Paraty»; achou-se a 20 braças das pedras, e apesar de ter dois ferros no fundo teve de trabalhar a machina emquanto durou o temporal, para poder aguentar-se.»

O mesmo periodico diz o seguinte:

«As folhas das Alagôas, que alcançam a 9, noticiam que em terras da comarca de Porto-Calvo fôra roubado em quantia superior a 80:000$000 em dinheiro, ouro, brilhantes, etc., o joalheiro francez Bloch, por um criado que o acompanhava, o qual depois de perpetrado o roubo, assassinou um escravo que lhe haviam dado para guia.»

TELEGRAMMAS

AGENCIA HAVAS BULLER

Madrid, 21 ás 12 h. e 10 m. da manhã

A cholera augmentou outra vez de intensidade: hontem houve 65 fallecimentos.

Londres, 20.—O «Morning-Post» diz que a politica estrangeira não mudará com a morte de lord Palmerston. Tendo a rainha encarregado lord Russell de reconstruir o gabinete, tudo indica que chegará esse resultado satisfactoriamente.

Madrid 21 ás 6 h. e 10 m. da tarde.

Nova York, 10. — O vice presidente dos confederados Stepheds Garcia, agente dos fenians, organisou uma sociedade no Canadá de numerosos partidarios do fenianismo, que partiriam para a Irlanda.

O ouro está a 145: o algodão a 58.

Londres, 21. — Consolidados 89 1/8 —3 p. c. portuguez 46.

Pariz, 21.— 3 p. c. 67,60—4 1/2 p. c. 95,45.

Madrid, 21.— Consolidados 40,15— Differidos 37,15.

Madrid, 23.—A cholera augmentou.

Pariz, 22.—O imperador foi sem ser esperado ao hospital Hotel Dieu, visitou as salas, fallou com os cholericos, verificou com prazer a existencia de muitos convalescentes, e ao sahir foi despedido com acclamações.

Litteratura

Cicero na sua vida publica e privada

Estudando se, como nós o temos feito, as relações de Cicero com as maiores personagens do seu tempo, não podem ficar de parte os principaes acontecimentos da sua vida politica e tambem da privada; mas tocando-os sómente de passagem não será isto sufficiente para dos mesmos se alcançar o devido conhecimento. A vida publica e privada valem bem a pena de serem cuidadosamente examinadas; por isso a respeito de ambas vamos aventurar um esboço.

A vida publica de Cicero tem de ordinario sido julgada severamente pelos escriptores de nossos dias, soffrendo por este modo o castigo da moderação do seu caracter. Não se tratando de estudar esta epoca senão com pensamento politico reservado, um homem como Cicero que sempre procurou fugir a todos os extremos não satisfaz plenamente a nenhum partido; todos são accordes em lhe dirigirem não só motejos, mas até insultos. Os partidarios fanaticos de Bruto acusam-no pela sua timidez; os amigos apaixonados de Cesar tratam-no como inepto! Talvez seja na Inglaterra e na França onde é menos maltratado, por ser nestes dois paizes, mais do que em qualquer outro, onde se respeitam as tradições classicas: os sabios persistem nos seus antigos habitos, e na sua antiga admiração e no meio de tantos transtornos a critica pelo menos tem permanecido conservadora. Talvez que a indulgencia testemunhada nestes dois paizes em favor de Cicero proceda do habito que nos mesmos se encontra para a vida politica. Quando se tem vivido tratando dos negocios publicos, cercado das manobras dos partidos, melhor se podem comprehender e avaliar os sacrificios que se exigem de um homem de estado por effeito da necessidade do momento, do interesse dos seus amigos, e da salvação da sua causa. Pelo contrario não é possivel encontrar-se esta indulgencia quando se julga a conducta do homem publico seguindo theorias inflexiveis, imaginadas no socego do gabinete, que a experiencia ainda não sanccionou.

É por este motivo sem duvida que os litteratos de Allemanha fazem a Cicero a mais dura guerra; á excepção de mr. Abeker, que o trata humanamente, os outros são desapiedados a seu respeito. Drumann, sobre todos, não lhe desculpa a menor falta; examinou, exquadrinhou mesmo todas as suas obras, e quanto dizia respeito á sua vida, com tanta miudeza e sagacidade como o poderia fazer um advogado, buscando elementos para intentar um pleito. Foi com este espirito de *consciencioso malevolencia* que mr. Drumann examinou toda a correspondencia de Cicero, e resistindo corajosamente ao encanto das confidencias intimas que nos fazem admirar o escriptor e amar o homem não obstante as suas fraquezas, pondo em contradição fragmentos destacados de suas cartas e de seus discursos, pôde conseguir lavrar um auto de accusação em regra onde nada se omitte, e n'isto emprega quasi um volume! Mr. Mommen não é menos desfavoravel a Cicero, apenas foi mais conciso nas suas arguições! Examinando as cousas com mais elevação não se espraia em pormenores.

Em duas paginas, onde se accumularam factos sobre factos descriptos pela fórma que mr. Mommen o sabe fazer, achou um meio de accumular ultrages para Cicero que não podéra conseguir Drumann em todo o seu volume! Cicero é tratado como um denominado homem de estado, que nada mais era do que um egoista e um myope; como escriptor é considerado apenas como o poderia ser um folhetinista ou um advogado. Esta mesma penna é a que chama D. Quixote a Catão, e trata Pompeu como cabo de esquadra! Sempre a mesma politica desabrida e fogosa preoccupada do presente pelos seus estudos do passado, perseguindo na aristocracia romana os fidalgotes da Prussia, e saudando antecipadamente na pessoa de Cesar, este despota popular, o braço firme que poderia só elle dar á Allemanha a sua phantastica unidade.

Que se póde encontrar de verdadeiro nestas violencias? Que confiança podem merecer similhantes ousadias revolucionarias da critica allemã? Que juizo póde firmar se relativo á conducta politica de Cicero? O estudo dos factos nol-o vae ensinar.

Gastão Boissier.

(Continúa.) (*Revue des deux Mondes.*)

Noticiario

Viagem de SS. MM. e A. R. ao estrangeiro. — A folha official publicou o seguinte:

«Por um telegramma transmittido em 20 do corrente ás 11 horas e 30 minutos da noite, de Dresde, consta que el-rei ahi chegára e que o mesmo augusto senhor, S. M. a rainha, e o principe real continuavam a gosar de perfeita saude.»

Na «Indépendance Belge» de 17 lê-se o seguinte:

«Voltou hontem á noite, em companhia de S. M. a rainha e do principe Amadeu de Saboya, a assistir á representação da «Biche au Bois» no theatro de Saint Hubert, S. M. o rei de Portugal, que desde o dia seguinte ao da sua chegada a Bruxellas fôra vêr aquella peça. Acompanhavam SS. MM. portuguezas que parece terem visto o espectaculo satisfeitos, numeroso sequito.

— Hontem visitaram as officinas de mrs. Greinar Irmãos SS. MM. o rei e a rainha de Portugal, que augmentaram com seus retratos a collecção dos soberanos da Europa que este estabelecimento possue na mór parte. SS. MM. felicitaram mrs. Greinar pelas riquezas photographicas de suas officinas, e bem assim pelos seus talentos conhecidos actualmente em toda a Europa, que os collocaram ao lado dos mais affamados photographos.

— O principe Amadeu de Saboya, o rei e a rainha de Portugal visitaram a familia real. Os augustos personagens dirigiram-se para Lacker e visitaram os passeios e os principaes bairros da capital.»

A cholera-morbus em Elvas. — Ao nosso collega da *Revolução* escrevem daquella cidade o que se segue:

«Appareceu em Elvas no dia 6 deste mez, onde, até ao dia 17, se deram 72 casos, havendo mais, desde então até hoje, 21, e apenas 2 casos de cholerina. Dos atacados tem morrido 42 e alguns estão ainda em tratamento.

«Se esta aterradora epidemia se apresentou bem caracterisada, vivendo alguns dos atacados bem poucas horas, houve pelo menos a felicidade de ella não elevar a sua devastação ás proporções a que costuma, e que era de receiar n'uma população tão numerosa como a desta cidade.

«Pela interrupção que este flagello tem feito nestes ultimos quatro dias, ha esperanças de que de todo levantasse desta localidade e de só termos a lamentar as victimas acima enumeradas.

«Analysando-se o numero de obitos em relação aos casos dados, vê-se quanto a medicina é ainda impotente contra esta epidemia. Póde-se dizer que só escaparam os mais ligeiramente atacados. Foi uma fortuna que os seus estragos não progredissem, fosse isso devido ao adiantamento da estação, ou ás muitas e inergicas medidas que as auctoridades e commissão de soccorros adoptaram que fizeram tudo que estava ao seu alcance para conjurar tão terrivel inimigo.

«Por homenagem á verdade cumpre dizer-se que se os soccorros prestados pela medicina não tiveram a efficacia que era para desejar, nem por isso deixam alguns facultativos de merecerem muitos louvores pelos seus esforços em soccorrerem a humanidade enferma, no que muito se distinguiram os cirurgiões militares os srs. Namorado e Nogueira.

«A conducta do sr. padre Carvalho, capellão-mór do hospital da misericordia, foi tambem digna dos maiores elogios pela promptidão nos soccorros espirituaes aos infelizes cholericos, tanto no hospital da misericordia, ao principio, como no de cholerico estabelecido depois. Parece que nestas tristes occasiões é sempre a este digno ecclesiastico que cabe tão arriscada missão, pois já em 1854 foi elle o nomeado, e serviu no lazareto e hospital estabelecido no forte de Santa Luzia para os atacados de egual flagello.»

Feira de S. Martinho.—Os jornaes do Porto publicam o seguinte telegramma. Em vista delle não haverá este anno o importante mercado de gado, que annualmente costumava ter logar em Penafiel nos dias 10 e 11 de novembro. Vae n'isso grande prejuizo publico, e não sabemos realmente se as circumstancias do paiz dão justificação plena da violencia da medida.

Lisboa, 22, de outubro ás 4 h. e 46 m. da tarde.

Exm.º sr. governador civil do Porto. — Em conformidade com o que o conselho de saude publica levou á presença de El-Rei regente, S. M. não só auctorisa mas ordena a prohibição da feira de S. Martinho em Penafiel, o que v. ex.ª fará publicar quanto antes por editaes e outros meios convenientes para que chegue ao conhecimento dos interessados.—*Joaquim Antonio de Aguiar.*

Chegada.—Chegou na quarta feira a esta cidade, no comboyo expresso, s. ex.ª o sr. Guerra Quaresma, governador civil deste districto, que pouco depois de tomar posse fôra a Lisboa buscar sua ex.ma exposa e filhos.

O sr. Quaresma, e familia foram esperados na estação pelo nosso amigo o digno par, o sr. João Carlos do Amaral Osorio, em casa do qual foram hospedar-se em quanto não está prompta a casa que se lhe está preparando na rua Larga.

Hontem á noute esteve tocando no Terreiro a philarmonica do sr. Vallerio, que para esse fim fôra convidada por uma commissão d'artistas que resolveram ir deste modo comprimentar s. ex.ª

Folhetim.—Começamos hoje, em folhetim, a publicação de um curioso romance de Theophilo Gautier, apenas acabado de sahir dos prelos francezes.

A versão é a mais esmerada possivel, e está della encarregada pessoa de toda a competencia.

Promettemos ás amaveis leitoras do folhetim não haver interrupções. Verão como sabemos cumprir a nossa palavra.

Vida de Cicero. — Na secção litteraria damos a introducção de uma critica biographica de Cicero que encontrámos na «Ravista dos dois Mundos», e que é uma das mais bem escriptas noticias que temos visto sobre a vida do eminen orador romano.

Iremos dando a continuação nos proximos numeros.

Roubo. — No dia 23, Manuel Lopes Estanqueiro, lavrador da Povoa do Vallado, freguezia de Requeixo, veio queixar-se á auctoridade administrativa que lhe haviam roubado 4 fios de contas de ouro, 1 par de brincos das orelhas, 1 brinco do pescoço, 1 teia de panno de linho, 1 coberta de cama, 1 saia, 1 panella de unto, e cerca de 20$000 rs. em dinheiro.

O roubado, tendo achado a porta fechada, e sem nenhum indicio de arrombamento, declarou que lhe parecia que o roubo fôra feito, durante a sua ausencia, em um dos dois dias antecedentes, no primeiro dos quaes fora a feira da Oliveirinha, e o segundo foi domingo. Mostrou desconfiar de uma Carolina, moradora em Aguas Boas, que fora sua creada, e de uma visinha Theresa dos Santos, com quem a primeira estava muito relacionada.

O sr. Valle Guimarães, substituto do administrador do concelho, e actualmente em exercio, ordenou logo, com louvavel diligencia, que o regedor de Requeixo fosse dar busca em casa das duas mulheres em quem recahiam as suspeitas, e com tal acerto foi dirigida esta providencia, que foi encontrar-se logo em casa da Thereza dos Santos parte do panno de linho, e em casa da Carolina, d'Aguas Boas, 9:600 em dinheiro, os 4 fios de contas, os brincos a panella d'unto, a coberta, a outra parte do panno de linho, e 1 mão de linho em rama.

Sendo esta ultima perguntada pelo que ainda faltava do roubo, confessou que devia estar em casa da primeira, com quem o repartira, e que fora quem a induzira ao roubo. Voltando a casa d'esta o regedor, lá encontrou effectivamente o que faltava.

As duas criminosas foram remettidas já o poder judicial.

Epizootia. — Desde o meiado de setembro que n'este concelho, nos de Vagos, Oliveira do Bairro, Agueda, Cambra e outros d'este districto, reina no gado bovino uma epizootia, a qual, posto que benigna, tem tomado grande extensão, prejudicando a agricultura, sobretudo pela perda de trabalho que occasiona aos animaes que acomette. E' a *febre aphtosa*, que já em 1858 invadio o districto, assim como o resto do paiz.

Não obstante ser grande o numero de animaes atacados até agora pela molestia, parece não ter havido caso algum fatal, que possa atribuir-se-lhe.

No gado suino, tambem se têem dado alguns casos de doença aphtosa, do mesmo modo benignos.

O vetirinario do districto tem visitado alguns dos pontos invadidos pela epizootia, e para todos tem mandado as convenientes instrucções sobre o tratamento e meios preventivos que a medecina aconselha em casos taes.

Ao nosso collega do noticiario da «Revolução de Setembro». — Consulta-nos o collega algumas linhas de rectificação á noticia que no seu numero de domingo foi publicada com a epigraphe *um monumento em Aveiro*.

A boa fé do collega foi deploravelmente illudida, ou nas informações que recebeu, ou na publicação do escripto a que concedeu logar no seu noticiario. Em qualquer dos casos, a antiga e sincera estima que nos merece, quando não fosse a posição de jornalista, obriga-nos a exclarecel-o. Essas informações passaram talvez por alguma daquellas *tubas malditas* em que fallou o nosso Padre Antonio de Sá alludindo aquelles que na reproducção d'um facto só referem as circumstancias que lhe fazem conta, calando ou desfigurando as outras.

Foi exacto o informador em quanto a hecatombe politica que teve logar no Porto em 1829, e em que foram sacrificados pelo mais atroz despotismo seis habitantes desta cidade, alguns filhos de familias distinctas della, e que, na devassa a que se procedeu depois da tomada do Porto, ficaram compromettidos em consequencia das denuncias e depoimentos falsos d'alguns maus filhos d'Aveiro, cujos nomes calamos. Deus lhes perdôe, porque todos elles estão já perante o tribunal divino. O seu parentesco com os liberalões de hoje não vem para o caso.

Foi tambem verdadeiro quanto á vinda das cabeças desses martyres da liberdade para Aveiro, e ao monumento que, para as recolher, se lhe erigiu no cemiterio publico. Era uma urna singela, sem nenhuma pretenção, como são d'ordinario as cousas que traduzem um sentimento verdadeiro, e correspondem a um nobre impulso do coração. Derribou-a a multidão irreflectida no dia do enterro do nosso chorado José Estevão. Disse-o tambem em boa verdade o informador. D'aqui por diante esqueceu tudo o mais que convinha relatar, dizendo apenas que as cabeças foram ha pouco tempo encontradas na capella do cemiterio pelos srs. Moraes, irmãos d'um dos suppliciados. Depois d'isso saltou de improviso ao elogio da camara, por ter mandado levantar o novo monumento!

Talvez não soubesse mais. Queremos fazer-lhe justiça. Mas vamos nós prehencher essa lacuna, instruindo-o, e ao collega da capital de que, depois que o primeiro monumentosinho foi derrubado, estiveram aquellas venerandas reliquias, por muitos mezes, não na capella do cemiterio, mas em uma casa de arrecadações adjunta, rolando pelo pavimento, d'envolta com bocados de madeira de caixões escalavrados, e castiçaes velhos!

Não sabia o informador, ou esqueceu-se dizer tambem que fomos nós que primeiro levantamos brado contra essa profanação, e que foi preciso que toda a gente ahi, amigos e inimigos, se erguesse indignada contra ella, para que o sr. presidente da camara se lembrasse de mandar construir o novo monumento. E não deve omittir-se igualmente para exclarecimento do nosso collega, e por ventura do seu informador, que a indignação subiu tão alto que chegou a formar-se o projecto de irem todos os liberaes desta cidade, e os parentes das vitimas supliciadas que ahi existem, protestar contra a irreverencia com que eram tratados os seus restos. Alguns d'esses individuos foram até saber aos Paços do Concelho o primeiro dia de sessão camararia para ter logar essa manifestação, pensamento que, diga-se de passagem, era inteiramente irrealisavel, por que já se não sabe ao tempo que não ha sessões da camara!

Foi então que appareceu o projecto do novo monumento. E que não foi cedo, é facil de ver pelas datas. Veja-se ha quanto tempo teve logar o enterro do sr. José Estevão, e quando foi encommendado o monumento. Quinze mezes pelo menos estiveram as cabeças dos martyres expostas ás irreverencias dos sacristas e dos gaiatos em um armazem! Não ha portanto motivo para louvar o zêlo e a iniciativa do sr. M. Firmino. Dizemol-o com pesar, porque somos dos que preferem o elogio á censura, e muito folgariamos de achar no seu procedimento, nesta circumstancia da sua vida camararia, motivos para asselarmos o seu liberalismo.

A noticia da *Revolução* termina como realmente devia terminar, isto é, por pedir aos eleitores do municipio a reeleição do sr. Firmino na presidencia da camara. Este fim era realmente o fim. Perdoe-nos o collega o trocadilho, mas na verdade nem podemos indultar a innocencia do informador, nem deixar de dizer-lhe que a sua boa fé foi aqui principalmente illudida. Queria-se um elogio da *Revolução*, um appello aos eleitores por auctoridade tão competente; era preciso arranjar pretexto! Ás vezes, estimavel collega, os logros apparentemente mais innocentes tem altissimos fins!...

Sentimos, e accredite-se que é de veras, não poder fazer côro, não como a *Revolução* que foi no elogio apenas o orgão (desculpe-nos a franqueza,) mas com o seu informador; porém a camara ou o sr. Firmino não quer merecer os elogios dos eleitores do concelho, que não sejam seus parciaes. Começou menos mal no primeiro bienio, mostrou bons desejos no segundo, mas neste terceiro, vamos, digam-nos o que tem feito? Que obra, que melhoramento, que despeza importante consta que fizesse?

Boqueja-se que tem feito favores; dado terreno a uns, perdoado multas a outros, feito vista grossa sobre diversos abusos etc. Os favorecidos talvez devam louval-o por isso, mas o municipio sente de certo que estes favores lhe tenham sahido do bolso. E o caso é que afinal, sem se ter feito cousa alguma, esse bolso está exausto. Não... tem quarenta e tantos mil réis!...

Quizemos provar ao collega que fôra illudido, mas não criminar a sua boa fé. Esperamos que como tal nos aceite a rectificação. Todos nós estamos sujeitos a estas mystificações, e ninguem se póde dizer a salvo d'ellas. Tenha, pois, paciencia o collega. Acautellar-se-ha milhor para outra vez.

Agradecimento. — Apesar da suspensão temporaria do *Districto de Aveiro* continuámos a receber os jornaes dos nossos collegas da imprensa que comnosco se dignam trocar.

Aqui protestamos a todos a nossa gratidão.

Funambulos. — O rapazio tem na terra divertimento muito do seu gosto. Chegou um destes dias uma companhia de gymnasticos e acrobatas dos dois sexos, que dão espectaculos gratuitos, em um trapesio improvisado em pleno ar na praça publica. Chamamos-lhes gratuitos por que não ha porteiros que exijam dinheiro pela entrada, e a todos é concedido igual direito para ver; mas realmente a companhia, apesar destas larguesas, não desejara que alguem se retirasse sem pagar. No entretanto a maioria commette esta inconveniencia.

Os espectaculos são noturnos. Ilumina-os a infinita multidão de lampadas que o Creador accendeu no Ceu, com o supplemento de duas ou tres bugias modestamente postas no chão. Que antithese!

Todavia, apesar destas prodigalidades de luz, é preciso dizer que se não vê muito bem no *palco*. Como a caprichosa atmosphera algumas noutes se não digna deixar transparecer os fogos do Ceu, os da terra dão tão escassa claridade, que os espectadores mal se vêem ás vezes uns aos outros. E quando, o *elastico* sobe ao trapesio, o baço reflexo que *debaixo delle* se projecta, dá-lhe uma apparencia que faz arrepiar os cabellos...

A concorrencia é numerosa, e tem applaudido phreneticamente os trabalhos da companhia. As mulheres principalmente riem extraordinariamente. Os rapazes não se fartam de dar palmas. Mas posto isto cremos que a receita não tem sido convidativa.

Pobres funambulos. Que lhes vale a elles a gloria seu o proveito?

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 25 de outubro.

De limitado alcance são as providencias governativas dimanadas dos differentes ministros durante a interrupção na publicação do *Districto*. A opinião publica tem continuado a manifestar-se favoravel ao gabinete, confiando na experiencia, sobre a intelligencia dos ministros, e estes tem procurado corresponder a essa confiança com medidas de secundario alcance sim mas acertadas, e, sabe-se, estão concluindo a elaboração de diversos projectos para serem submettidos á apreciação do parlamento, que em poucos dias deve recomeçar os seus trabalhos.

Uma das medidas de maior tomo, e da qual a imprensa se tem occupado estes ultimos dias, é uma modificação ao contrato com a companhia do caminho de ferro do sul. O novo contrato vem publicado no *Diario* de hontem, e é hoje transcripto nos jornaes da capital. As principaes alterações são:

A subvenção que o estado tinha de pagar á companhia pelo contrato primitivo, fica substituida pela garantia de um producto bruto de 3:600$000 réis por kilometro, começando este encargo em 1 de julho de 1869, que é quando o caminho de ferro deve estar concluido tendo já seis mezes de exploração. Este encargo do estado durará 50 annos.

A companhia deve dar ao governo, quinze dias depois que este contrato fôr approvado pelas côrtes, 2:978:688$000 rs., preço do caminho de ferro do Barreiro ás Vendas Novas, e somma da subvenção que a companhia já recebeu.

Se durante os 50 annos o producto bruto por kilometro exceder a 3:600$000 réis, obriga-se a companhia a pagar 20 por 100 do excesso até completo embolso da somma que o governo tiver pago.

São essas as principaes alterações feitas ao primeiro contrato.

Os que defendem este novo contrato querem que para o estado resultam as seguintes vantagens.

1.º Receber o governo desde já 2:978:688$000 réis, o que evita que se recorra a um emprestimo, que necessariamente o governo tinha de fazer.

2.º Deixar de pagar, por espaço de quatro annos uma subvenção na importancia de 6:000 contos.

3.º Economisar durante quatro annos os juros dos 3:000 contos que teria de pedir emprestados se os não recebesse da companhia.

4.º Economisar igualmente os juros de 6:000 contos, que teria de levantar para pagar á companhia, na fórma do primitivo contrato, importancia total da subvenção a 16 contos por kilometro.

Defende-se principalmente este contrato como uma excellente medida financeira. A *Revolução de Setembro* depois de mostrar a necessidade de recorrer ao credito pergunta: Qual o meio de vencer as difficuldades do thesouro? Fazer um novo emprestimo? Lançar mão do imposto? Augmentar a divida fluctuante? Não. Tudo isso é pessimo. Qual o meio pois de vencer as difficuldades que existem? Appareceu a companhia do caminho de ferro do sul com a sua proposta que aplanou todas as difficuldades do thesouro!

Não sei se esta operação agradará a todos. Eu não gosto della. Não supponho a companhia tão desinteressada e patriota, que vendo o nosso estado financeiro em graves apuros voluntariamente corresse a salvar-nos.

Receber agora o governo 3:000 contos pode ser remedio para o momento, mas a molestia apresentará em seis ou 8 mezes a mesma gravidade. Se um individuo pedir a outro 100 contos sem juro, para dar 500 contos no fim de 4 annos, ninguem dirá que effectuou um excellente negocio.

O Jornal de Lisboa combate o contrato. Diz que o encargo para o estado pelo primeiro contrato era de 52:500 contos em 100 annos, que é quando o caminho ficava pertencendo ao estado; e pelo novo contrato esse encargo em 50 annos será pelo menos de 65 mil contos, pois que o producto bruto do caminho de ferro não excederá por kilometro a 600$000 réis, tendo por tanto o governo de pagar 3 contos. Effectivamente as linhas ferreas do Alemtejo e Algarve pouco renderão, principalmente nos primeiros annos.

O producto bruto por kilometro dos caminhos para Evora e Beja, já em exploração, pouco excede a 1:000$000 rs., ficando este producto reduzido a 600$ rs. ou menos termo medio, quando concluida toda a linha, por isso que pouco produzirão os caminhos para Estremoz, Mertola e Faro.

O que é certo é que a companhia estava completamente perdida sendo obrigada a cumprir o primeiro contrato. Diz-se porém que se é verdade que a companhia se salva com o novo contrato o governo tambem lucra. Se assim é, magnifico é o novo contrato visto todos lucrarem. A discussão vae agora recomeçar na imprensa visto que está publicado officialmente o contrato, e o publico será de certo devidamente esclarecido sobre as vantagens desta operação financeira, que assim lhe chamam.

Muita gente não está ainda convencida da excellencia do novo contrato, confiam porém outros em que d'aqui a alguns annos estará desenvolvida a agricultura e industria no Alemtejo, que o caminho renderá então muito mais, e por tanto ficarão muito reduzidos os encargos do estado.

Eu acredito que o governo além de vencer na presente conjunctura as difficuldades financeiras, confia de certo na prosperidade futura das provincias do Alemtejo e Algarve e entendeu por tanto que o novo contracto seria em alguns annos vantajoso para o estado.

— O sr. ministro da justiça remetteu á academia das sciencias, á universidade, ao procurador geral da corôa, e á associação dos advogados, um exemplar do codigo penal, pedindo-lhes o seu voto sobre elle.

— Dizem-me que o governo está preparando um projecto de organisação da policia civil em todo o reino. Parece que o exercito ficará reduzido, tirando-se-lhe 12:000 homens para a policia civil. Com guarnições militares ficarão só as cidades de Lisboa, Porto e Elvas. Talvez, que nem todos approvem a ideia de reduzir o exercito a 6:000 homens.

O «Diario» de hontem publica o decreto agraciando com o titulo de viscondo de Chancelleiros o sr. S. J. de Carvalho.

— O sr. conde del Torre Novas tem sentido algum alivio. Hontem fizeram-lhe uma junta dos melhores medicos da capital, os quaes concordaram n'um tratamento que póde prolongar por algum tempo a existencia do illustre general. É porém certo que não póde s. ex.ª continuar á frente das cousas militares.

Ouço que foi convidado para a pasta da guerra o sr. visconde de Leiria, e que s. ex.ª respondêra pelo telegrapho que — aceitava. Esta nomeação porém só se verificará depois do regresso de SS. MM.

ULTIMOS DESPACHOS

AGENCIA HAVAS BULLIER

Madrid, 25, ás 12 horas e 20 minutos da manhã.

Paris, 25. — O arcebispo de Paris visitou tambem os hospitaes dos cholericos.

Florença, 24. — Das sessenta e cinco eleições que já são conhecidas, pertencem cincoenta ao governo.

MOVIMENTO DA BARRA

SAHIDAS EM 15

S. MIGUEL — Hiate portuguez «Aveirense», m. J. Gonçalves, sal.

ENTRADAS EM 17

PORTO — Rasca portugueza «Flor do Porto», m. J. C. de Barros, vasio.

Até 26 não tem entrado nem sahido embarcação alguma.

Vento N. e o mar agitado.

Ha na rua dos Mercadores n.º 13 deposito de pianos d'um dos mais acreditados fabricantes de Pariz.

Os preços são os mesmos dos depositos do Porto e Lisboa.

Maria dos Santos Rosa de Jesus, mulher de Joaquim de Carvalho Saldanha da villa de Eixo deste julgado, e comarca de Aveiro achando-se depositada judicialmente em casa de seu irmão o revd. conego José Bernardo de Carvalho da mesma villa para tratar sua acção de divorcio, que já tem requerido no juizo de direito, annuncia pelo presente que ninguem, desta data por diante, trate com aquelle seu marido contrato algum sobre compra, e venda de quaesquer bens do casal, na intelligencia de que a annunciante os não auctorisa, antes desde já para todo o tempo protesta por todo o seu direito a tal respeito.

Eixo, 26 de outubro de 1865.

A camara municipal do concelho da Feira, tendo publicado em 16 de agosto ultimo um annuncio, em que manifestava a opinião de que os foros do extincto Condado da Feira, pertenças do Infantado, se achavam extinctos, e que no seu archivo existiam as doações regias de el-rei D. Fernando I, e de el-rei D. João V, e o Foral de el-rei D. Manuel, e sendo por portaria do ministerio dos negocios do reino de 14 de setembro ultimo severamente reprehendida por ter publicado similhante annuncio, ordenando-se na dita portaria, que a camara annulle o referido annuncio, e que publique um outro, em que o primeiro seja retirado; a camara obedecendo ao determinado na dita portaria, e porque nunca foi sua intenção oppor-se aos actos do governo, mas unicamente exprimia a sua opinião, como é licito a qualquer cidadão o fazel-o em um paiz livre, retira o mencionado annuncio publicado em 16 de agosto ultimo. Feira, em sessão de 4 de outubro de 1865.

O presidente — Antonio de Castro Corveira Corte Real.
Manuel Pinto de Almeida.
Domingos Pereira da Silva.
Mauuel José de Moura.
José Moreira Pinto.
Mannel Augusto Paes Moreira

BANCO UNIÃO
DO PORTO

CAPITAL — 5,000 CONTOS

REALISADO 3,000

SEGUROS DE VIDA EM MUTUALIDADE

SOB A PROTECÇÃO DE S. M. EL-REI O SR. D. LUIZ I

NUMERO DE SOCIOS 9,482

CAPITAL SUBSCRIPTO ATÉ 31 DE AGOSTO 3,238;720$000

INSCRIPÇÕES COMPRADAS E DEPOSITADAS NA CAIXA FILIAL DO BANCO EM LISBOA 2.130:100$000

A direcção do Banco União tendo obtido do governo de S. M. F. a auctorisação para estabelecer o seguro de vidas em mutualidade, faz publico que desde já toma subscripções annuaes ou por uma só vez debaixo das seguintes condições:

Com perda de capital e lucros:
Dita capital sómente;
Dita lucros sómente;

devendo a primeira liquidação ter logar no 1.º de Janeiro de 1869

As vantagens do emprego de capitaes em mutualidade, são obvias, porque não sómente se colhe o juro de quantias diminutas, de que avulsas se não poderia tirar nenhum resultado, mas além d'isso este rendimento é augmentado pelo capital ou lucros, ou ambas as cousas, conforme as condições da subscripção dos que fallecem. Tambem é repartido pelos socios sobreviventes tudo aquillo que os socios morosos nos seus pagamentos são por este motivo obrigados a pagar, bem como caducidades que occorrerem pela falta do cumprimento do compromisso social.

As liquidações são pelo systema das companhias hespanholas Tutelar e outras; e para se poder fazer uma ideia do que póde produzir uma entrada annual de 10$000 réis, publica-se a seguinte tabella baseada sobre a experiencia de muitos annos de companhias desta natureza.

	Em 5 annos	Em 10 annos	Em 15 annos	Em 20 annos	Em 25 annos
Por um menino de 1 dia a 1 anno	110$000	400$000	900$000	2,000$000	4,700$000
» » de 1 anno a 2 »	90$000	300$000	750$000	1,700$000	3,700$000
» » de 2 » a 3 »	86$000	290$000	720$000	1,600$000	3,500$000
» » de 3 » a 4 »	86$000	280$000	710$000	1,560$000	3,400$000
» » de 4 » a 15 »	86$000	270$000	700$000	1,550$000	3,350$000
» uma pessoa de 15 » a 20 »	86$000	270$000	700$000	1,540$000	3,330$000
» » de 20 » a 30 »	86$000	270$000	710$000	1,560$000	3,400$000
» » de 30 » a 40 »	86$000	270$000	720$000	1,600$000	3,700$000
» » de 40 » a 50 »	90$000	300$000	750$000	1,800$000	5,000$000

Nesta mesma proporção uma entrada unica de

50$000 rs.	deve produzir	em 5 annos	de 140$000 a	180$000 rs.
100$000 rs.	dito	em 10 »	450$000 a	660$000 rs.
150$000 rs.	dito	em 15 »	1:300$000 a	1:680$000 rs.
200$000 rs.	dito	em 20 »	2:800$000 a	3:600$000 rs.
250$000 rs.	dito	em 25 »	6:400$000 a	9:700$000 rs.

Minimo das entradas 5$000 rs.

Porto, 31 de agosto de 1865.

A Direcção do Banco União
José da Silva Machado
F. M. van der Niepoort
José d'Almeida Campos Junior.

As pessoas que quizerem subscrever para tão util estabelecimento ou obter informações sobre o modo e forma de taes transacções, queiram dirigir-se no Porto á direcção do Banco União, no edificio da Bolsa; — em Lisboa á administração da Caixa Filial do mesmo Banco, rua de S. Francisco n.º 41; — e nesta cidade no escriptorio do agente A. D. Pinheiro e Silva Rua dos Mercadores.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA — *Typ. do* «**Districto d'Aveiro**».

PHOSPHATO DE FERRO
DE LERAS DOUTOR EM SCIENCIAS.
INSPECTOR DA ACADEMIA DE PARIZ Etc.

Não existe medicamento ferruginoso tão notavel como o *Phosphato de Ferro de Leras*; as summi dades medicaes de mundo inteiro adoptaram-no com sollicitude sem igual nos annaes da sciencia. *As cores pallidas, dores de estomago, digestões penosas, anemia, convalescencias difficeis, idade critica nas senhoras, irregularidade na menstruação, pobresa do sangue, lymphatismo, são curados rapidamente ou modificados por esse excellente composto.* E'o conservador por excellencia da saude, e declarado superior nos hospitaes e pelas academias a todos os ferruginosos conhecidos, a *iodo reto* ao *citrato* de ferro, por que é o unico que convem aos estomagos delicados, que não provoca constipacão, o unico tambem que não en negrece a bocca e os dentes.

Deposito em *Paris*, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.